



REFLEXÃO SOCIAL EM CLARICE LISPECTOR: UM ESCRITA EMPÁTICA NO CONTO “MINEIRINHO”

Walace Rodrigues (UFT)¹
Jairon Barbosa Gomes (UFT)²

Resumo: Este artigo é uma das produções de nosso projeto de pesquisa intitulado “Vulnerabilidades retratadas na literatura brasileira” e busca revelar o aspecto de fortemente social do conto “Mineirinho” da escritora brasileira Clarice Lispector. Nossa análise para este artigo é qualitativa e nossa pesquisa para tal foi através de uma bibliografia coerente com a vida e obra de Lispector e alguns aspectos sociais brasileiros. Os resultados deste trabalho revelam uma Clarice Lispector preocupada com a brutalidade da morte de Mineirinho e com a chocante desigualdade social e a violência institucionalizada no Brasil, além de pensar refletir profundamente sobre a humanidade e as questões éticas desses nossos tempos brutais. Em sua escrita de “Mineirinho” ela se coloca com empatia em relação ao “marginal” (aquele fora da centralidade, mas nas margens sociais) e perplexa diante da violência policial exagerada (revelada pela quantidade de tiros disparados).

Palavras-chave: Clarice Lispector. Mineirinho. Vulnerabilidades sociais.

Abstract: This paper is one of the productions of our research project entitled "Vulnerabilities portrayed in Brazilian literature" and it seeks to reveal the social aspect within the short story "Mineirinho" by Brazilian writer Clarice Lispector. Our analysis for this paper is a qualitative one and our research for this work was through a bibliography consistent with Lispector's life and work and some Brazilian social aspects. The results of this work reveal a Clarice Lispector concerned with the brutality of Mineirinho's death and with the shocking social inequality and institutionalized violence in Brazil, in addition to think deeply about humanity and the ethical issues of our brutal times. In her writing of “Mineirinho” she empathizes with the “marginal” (those outside the centrality, but on the social margins) and perplexed by the exaggerated police violence (revealed by the number of shots fired).

Keywords: Clarice Lispector. Mineirinho. Social vulnerabilities.

1. Introdução

¹ Doutor em Humanidades, mestre em Estudos Latino-Americanos e Ameríndios e mestre em História da Arte Moderna e Contemporânea pela Universiteit Leiden (Países Baixos). Pós-graduado (lato sensu) em Educação Infantil pelo Centro Universitário Barão de Mauá - SP. Licenciado pleno em Educação Artística pela UERJ e com complementação pedagógica em Pedagogia. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Docente do Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais (PPGDire) e da Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (PPGL).

² Tecnólogo de Alimentos pela Universidade do Estado do Pará (UEPA); Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais (PPGDire).



Este texto nasce a partir de nossos estudos em relação ao projeto de pesquisa intitulado “Vulnerabilidades retratadas na literatura brasileira”. Tal projeto visava procurar entender um pouco mais sobre as variadas formas de vulnerabilidades (sociais, educacionais, econômicas, visuais, etc) apresentadas na literatura brasileira do século XX e XXI, buscando revelar fragilidades na formação do Brasil e como tais fragilidades podem ser compreendidas por meio da arte literária brasileira. Sempre entendendo que a literatura coloca-se como uma forma de ficção, mesmo quando tenta narrar a realidades sociais concretas e muitas vezes vividas pelos escritores. Vemos que todo trabalho com linguagens é sempre uma “tradução”, um entendimento pessoal, uma interpretação.

O presente texto deseja voltar um olhar para o conto intitulado “Mineirinho”, de autoria da conhecida escritora brasileira Clarice Lispector (Chechelnik, 10 de dezembro de 1920 — Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1977) e escrito na década de 1960. O referido conto retrata a violenta morte do criminoso Mineirinho e revela a brutalidade com a qual ele foi executado pela polícia. Lispector faz, a partir deste fato, um conto extremamente enigmático, revelando aspectos éticos coerentes com uma visão humanista de mundo a partir de uma crítica social.

Aqui buscamos fazer uma análise a partir das reflexões de Lispector sobre as violências e as desigualdades sociais brasileiras, pois a escritora mostra-se extremamente movida pela forma como Mineirinho foi assassinado, levantando questões que perpassam as vulnerabilidades sociais dos mais pobres e fragilizados no Brasil e nos levam a pensar sobre outras questões mais subjetivas e verdadeiramente mais necessárias, como pobreza, falta de oportunidades, violência institucionalizada, entre outros pontos.

2. O encontro das vulnerabilidades sociais com outros temas relevantes no conto “Mineirinho”

Podemos começar este texto deixando ver o que entendemos como vulnerabilidade social: são situações e ações que fazem com que uma pessoa ou grupo social sejam levados a desvantagens sociais em relação às outras pessoas ou grupos, afetando negativamente suas vidas. Tais desvantagens devem ser sanadas para que estas pessoas e grupos vulneráveis tenham



mecanismos para sair de situações que as auxiliem na superação de seus problemas sociais. Podemos citar alguns destes problemas: analfabetismo, baixa escolaridade, situações de violência, discriminação social, falta de acesso à saúde pública, falta de saneamento básico, entre tantas outras tão comuns às populações brasileiras mais carentes de renda e de serviços sócio educacionais.

Ainda, vemos que as vulnerabilidades sociais brasileiras parecem ser um projeto das elites para continuarem no poder e não serem contestadas ou molestadas. Sendo que as mais variadas carências sociais das classes populares contrastam com os vários e múltiplos privilégios das elites brasileiras. As vulnerabilidades sociais evidenciam, assim, ameaças e fragilidades sociais que afligem nosso povo. E a superação de tais fragilidades passa pela viabilização de ferramentas sociais e legais para criar direitos, ações e serviços que são consistentemente negados às populações brasileiras mais carentes.

Vale informar que Clarice Lispector, com nome de batismo Chaya Pinkhasovna Lispector, sempre foi considerada por muitos críticos como uma escritora muito hermética e pouco crítica da sociedade em que vivia. Mas no conto “Mineirinho”, da década de 1960 (o conto foi originalmente publicado na Revista Senhor de junho de 1962), Lispector abre-se claramente à crítica social, principalmente pensando nas vulnerabilidades sociais e violências (reais e simbólicas) a que estão expostos os mais carentes socialmente, principalmente numa cidade tão historicamente desigual como o Rio de Janeiro. Seu livro final “A hora da estrela”, de 1977, deixa-nos ver que Lispector era sim uma pensadora a partir das crueldades sociais brasileiras. Sobre Clarice Lispector, Haleks Marques Silva diz-nos que:

Vista por muitos como uma bruxa, um mito, uma mística, um monstro, uma deusa, um enigma, uma escritora, uma amante, uma judia errante, uma mãe, uma filha, uma *principessa*, uma amiga, uma insuportável, uma solitária, uma hermética, uma clarividente, uma ucraniana-brasileira-nordestina-carioca e talvez a mais humana entre os humanos de seu tempo em seus escritos, um verdadeiro *mysterium* onde ela própria escreveu: “sou tão misteriosa que não me entendo” (Silva, 2019, p. 46).

E todo este “mistério” de Lispector parece ter sido transportado para suas obras literárias. Vista por muitos como uma escritora de difícil leitura e até mesmo “louca”, ela revelou-nos uma



forma de pensar para além do que as palavras podiam traduzir. Durante a ditadura civil e militar no Brasil, de 1964 a 1985, os censores do regime militar a tinham como “louca” e não entendiam a profundidade de seus escritos, deixando que fossem publicados.

O crítico literário Antonio Candido mostra-nos que Clarice Lispector trouxe algo de novo à literatura brasileira de então:

Clarice Lispector (1920-1977), cujo livro de estreia, *Perto do coração selvagem* (1944), trouxe algo novo à literatura brasileira, pela capacidade de elevar a descrição das coisas e dos estados de espírito a um nível radioso de expressividade, como se **dos fatos mais simples brotasse a cada instante o indefinível**. A força desta escritora parece estar na capacidade de manipular os detalhes, que vão se juntando para formar a narrativa e sugerir o mundo, sem que haja necessidade de uma estruturação rigorosa. Daí a fluidez imprecisa que dissolve muitas das suas histórias, ou, pelo contrário, o destaque luminoso que elas ganham na intimidade sugerida pela ampliação do pormenor. Talvez o conto, mais do que o romance, seja o instrumento ideal dessa escritora que **parece extrair o essencial das dobras do acessório**. (CANDIDO, 1999, p. 91, grifo nosso)

A astúcia intelectual de Clarice Lispector parecia não somente conseguir captar aquilo que os olhos viam, o coração sentia, mas que as palavras não davam conta como ferramentas de expressão dos pensamentos e sentimentos. Daí vem-nos a ideia de Lispector como uma “sensitiva”, uma “bruxa” das palavras, tentando sempre traduzir emoções difíceis de serem descritas.

No entanto, não podemos nos esquecer que também há um aspecto social profundo nos trabalhos de Lispector, mas que poucos podem perceber claramente, pois sua escrita não é contundente sobre estes assuntos, mas funciona astuciosamente como uma faca afiada cortando o vento. Rogério de Almeida e Fábio Takao Masuda (2017, p. 32) falam-nos que os aspectos sociais estavam sempre envolvidos na obra clariciana:

A hora da estrela, último livro publicado por Clarice Lispector, em 1977, representa, para alguns críticos, um momento de inflexão; já outros especialistas veem essa obra como o afunilamento da crítica social engendrada pela autora. Por um lado, é evidente que nesse romance há uma crítica aberta às desigualdades sociais encontradas no Brasil, diferença relevante em relação aos outros romances escritos por Clarice. De outro lado, não podemos encarar tal



diferença como uma mudança radical no estilo dessa escritora, uma vez que a sua ficção narrativa é caracterizada pela epifania e pela polissemia. Assim, o aspecto social está presente na obra clariceana, mesmo que em algumas obras isso ocorra com um grau de acentuação menor, pois, nestas, o que salta aos olhos é justamente a predominância de sua marca característica: o subjetivismo, a introspecção e o intimismo.

Apesar de todo “o subjetivismo, a introspecção e o intimismo” de sua literatura, Lispector, segundo Cristina Ferreira-Pinto Bailey, sempre se preocupou com a realidade social brasileira:

Como vai ficando mais claro graças ao quadro hermenêutico que a crítica lispectoriana vem compondo, a ficção de Lispector desdobra-se em níveis de significados que se manifestam na preocupação com o social, com as estruturas de poder, as relações de gênero e a relação do sujeito com sua realidade interior e exterior. Central a tudo isso, a linguagem é em Lispector sempre o fio condutor que leva escritora, personagens e leitores numa incessante viagem de busca ao “é da coisa” (Bailey, 2007, p. 16).

Também Wallace Rodrigues acredita que a história do personagem principal de “A hora da estrela”, Macabéa, revela uma maneira muito especial de estar no mundo, apesar de todas as suas vulnerabilidades sociais:

[...] Clarice aparece na literatura brasileira como uma escritora única, que nos conturba, nos faz pensar, nos atordoa e nos acorda para a vida real em meio a uma ditadura militar que cerceava pensamentos, críticas e criatividade. E é com seu último livro que ela parece se aproximar mais do mundo das vicissitudes humanas, parece se aproximar de aspectos sociais da vida de uma brasileira pobre e humilhada. Porém, Clarice esconde uma outra história atrás da história de Macabéa. A história de Macabéa nos fornece um relato muito mais sutil e mais profundo do que um relato social: a história de Macabéa é um relato sobre o estar-no-mundo, de maneira mais amplamente crítica e sensível possível, em um Brasil da década de 70. Ela mesmo nos diz que “Pensar é um ato. Sentir é um fato.” (Lispector, 1998, p. 11), mostrando a materialidade do sentimento e a necessidade do pensamento (Rodrigues, 2013, p. 141)

E é por este caminho de sensibilização do leitor que Lispector relata o terrível fuzilamento de Mineirinho, que a atinge em cheio em sua humanidade e que a faz pensar profundamente sobre os mais diferentes níveis de vulnerabilidade social no Brasil. Ela relata atordoada que:



Por quê? No entanto a primeira lei, a que protege corpo e vida insubstituíveis, é a de que não matarás. Ela é a minha maior garantia: assim não me matam, porque eu não quero morrer, e assim não me deixam matar, porque ter matado será a escuridão para mim. Esta é a lei. Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina — porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro. (Lispector, 1999, p. 35)

O relato de Lispector vai do cumprimento da lei em deixar a sociedade livre de um criminoso, no primeiro e no segundo tiro, até a irmandade com ele, no décimo terceiro tiro. A crueldade de matar uma pessoa com treze tiros revela a raiva social com que os menos abastados são vistos pelos mais abastados (numa verdadeira aporofobia). Revela, também, o desrespeito pelo “outro” enquanto ser humano, vivo e que respira, um irmão em humanidade. Mostra, ainda, a falta de possibilidades em tentar fazer com que o sistema judicial e social reabilitem tal criminoso. Entre tantas outras coisas que este conto nos mostra.

Mineirinho foi José Miranda Rosa, e ganhou este apelido por ter nascido em Minas Gerais. Condenado a mais de um século de prisão por seus crimes, fugiu do manicômio judicial. Sua perseguição teve um aparato de trezentos homens. Ele sofria de tuberculose, morava no morro da Mangueira e ajudava a quem estivesse em necessidades em sua comunidade carente.

Vale ressaltar que Lispector busca interagir no conto, em primeiro lugar, com a cozinheira, voltando-se para ela como se ela pudesse lhe fornecer dados que a autora não conseguira compreender:

Perguntei a minha cozinheira o que pensava sobre o assunto. Vi no seu rosto a pequena convulsão de um conflito, o mal-estar de não entender o que se sente, o de precisar trair sensações contraditórias por não saber como harmonizá-las. Fatos irreduzíveis, mas revolta irreduzível também, a violenta compaixão da revolta. Sentir-se dividido na própria perplexidade diante de não poder esquecer que Mineirinho era perigoso e já matara demais; e no entanto nós o queríamos vivo. A cozinheira se fechou um pouco, vendo-me talvez como a justiça que se vingue. Com alguma raiva de mim, que estava mexendo na sua alma, respondeu fria: “O que eu sinto não serve para se dizer. Quem não sabe que Mineirinho era criminoso? Mas tenho certeza de que ele se salvou e já entrou no céu”.



Respondi-lhe que “mais do que muita gente que não matou.” (Lispector, 1999, p. 35)

Um texto do Instituto Moreira Salles, intitulado “Quem foi Mineirinho: bastidores de uma crônica”, mostra que ele foi um bandido popular em sua comunidade e que: “a história de Mineirinho não terminou naquela madrugada. Além de toda a notoriedade social – em seu enterro, compareceram mais de duas mil pessoas – e de ter se tornado um marcante personagem clariciano, sua biografia foi adaptada para o cinema em 1967, com direção de Aurélio Teixeira e o título *Mineirinho Vivo ou Morto* (2013, s/p).

Uma das partes mais contundentes do conto é exatamente a contagem dos tiros e as reações que eles provocam na escritora. Um “alívio de segurança” por ter trazido tudo à ordem, mas não matado; o deixar em alerta; o desassossego; a vergonha; o “coração batendo de horror”, com a boca trêmula”; o dizer o nome de Deus; o chamado ao meu irmão; e o último tiro que a mata.

Yudith Rosenbaum traz-nos a dificuldade que é buscar compreender um texto clariciano como “Mineirinho”, um texto de enfrentamento perante às crueldades sociais:

Como enfrentar, então, um texto como "Mineirinho", recolhido como crônica em 1969, mas que pode ser lido como conto, e que tensiona, a partir de uma ocorrência policial verídica, o sentido da justiça e as polaridades irreduzíveis do eu e do outro? Será preciso mimetizar o estilo característico da autora, abarcando o texto de forma oblíqua, sugestiva, lacunar, evitando as noções conclusivas e absolutas. Porque ainda que a temática seja explicitamente social - a morte de um marginal carioca em 1962 em tiroteio com dezenas de policiais -, **as reflexões do narrador extrapolam as contingências sociológicas e caminham, de forma errante e digressiva, pelos âmbitos mais recônditos da subjetividade** (ROSENBAUM, 2010, p. 169, grifo nosso)

Como enfrentar tal texto? Como tentar fazer sentido dele? E por aí vamos tentando entender tal conto pelos resquícios de subjetividades que conseguimos captar dele. Obviamente que Clarice Lispector choca-se com a morte mais que violenta e brutal de Mineirinho, mas ele traz à tona outras questões, como as de classe, de raça, de acesso a serviços sociais, entre tantas outras. Talvez a mais importante seja uma reflexão sobre a humanidade do “outro”, do “não-eu”, participante da mesma humanidade dela.



Seu diálogo com a cozinheira é claramente uma busca de aproximação social e dos fatos com o mundo de Mineirinho, mesmo que uma busca mediada e indireta. Lispector compreende sensivelmente o mundo em que vive, apesar de ser uma integrante da classe média alta brasileira. Mas como sua escrita não é diretamente clara, ela acaba por solidarizar-se com a “fraqueza humana” do bandido e sua impossibilidade de ação ao levar treze tiros.

É clara a narrativa perplexa de Lispector a partir do assassinato de Mineirinho com tantos tiros, quando somente um tiro seria necessário para matá-lo. E dessa realidade, da qual ela não foge, mas enfrenta com suas armas (a literatura, a palavra, a escrita), ela acaba por subjetivizar o acontecido a partir de suas percepções e aquelas da cozinheira.

Antonio Candido vai nos falar que a literatura parte de uma realidade (seja ela vista ou sentida), assim como o faz Clarice Lispector a partir da ocorrência policial que tematiza:

Muitas correntes estéticas, inclusive as de inspiração marxista, entendem que a literatura é sobretudo uma forma de conhecimento, mais do que uma forma de expressão e uma construção de objetos semiologicamente autônomos. Sabemos que as três coisas são verdadeiras; mas o problema é determinar qual o aspecto dominante e mais característico da produção literária. Sem procurar decidir, limitemo-nos a registrar as três posições e admitir que **a obra literária significa um tipo de elaboração das sugestões da personalidade e do mundo que possui autonomia de significado; mas que esta autonomia não a desliga das suas fontes de inspiração no real, nem anula a sua capacidade de atuar sobre ele.** Isto posto, podemos abordar o problema da função da literatura como representação de uma dada realidade social e humana, que faculta maior inteligibilidade com relação a esta realidade (CANDIDO, 1972, p. 805-806, grifo nosso)

E é da realidade cruel do assassinato do criminoso e de sua relação com as múltiplas vulnerabilidades sociais do povo pobre brasileiro que Clarice Lispector também retira seu material de pensamento para angustiar-nos e mover-nos a refletir e agir. Tais vulnerabilidades sociais tornam-nos menos humanos, menos cidadãos, menos participantes. Neste sentido, a humanização tem uma íntima ligação com o estado de bem-estar social a qual todos temos direito, ricos ou pobres. Não podemos, por exemplo, estar felizes se há milhares de pessoas passando fome mundo afora, se há guerras por todos os lados do planeta, se há fome etc. E é neste sentido solidário e humanista que Lispector escreve o conto “Mineirinho”. Santiago Rico e



Carlos Liria dizem-nos que:

A fome é incompatível com a civilização. É incompatível com a humanidade. É o naufrágio do homem. Bom e que? E se o homem é uma antiguidade? E se ainda temos História e Sociedade? Mas se o homem expirar, o que está além dele? O que é anunciado além do humano? A razão ilustrada prometeu cidadania universal: igualdade, liberdade, fraternidade. Mas é o capitalismo, e não a iluminação, que deixou o homem para trás para instalar os corpos em uma realidade pós-humana. Agora são os próprios seres humanos que correm atrás da História, com a língua para fora. E quando conseguem alcançá-lo, sua pele permanece apenas ou, pior ainda, sua imagem: ao longo do caminho deixaram seus ritos, deuses, ancestrais, laços tribais, densidades culturais, até sexo ou idade. Em vez disso, encontram a proletarização de empregos e prazeres e a ameaça de destruição planetária (RICO; LIRIA, 2010, p. 26, tradução nossa, grifo nosso)

E é esta questão ética e humanista que paira sobre o conto clariciano de que tratamos aqui. Rosenbaum novamente nos faz refletir sobre este grito de Clarice Lispector pela humanidade do “outro”:

Mineirinho reduziu-se ao inumano, bruto e desarticulado. Nele a linguagem, alicerce da constituição do sujeito humano, falhou. A realidade circundante, com sua organizada violência, eliminou Mineirinho por um crime de fuzilamento. Mas o que a crônica deixa claro é que, antes mesmo dos treze tiros, o bandido já estava destruído, pisado e perdido como indivíduo. **E é para resgatar o homem antes do doente do crime que o texto de Clarice existe.** Sua alçada política é incontestável. Para reivindicar uma fala ética, que **percebe a humanidade que nos impregna**, que sabe que “nós todos, lama viva, somos escuros”, Clarice Lispector caminha regressivamente para o inumano, para o terreno primordial de onde o homem advém (ROSENBAUM, 2010, p. 179, grifo nosso)

Lispector encerra o texto com uma reflexão sobre o sistema judicial brasileiro, que devia julgar o criminoso e não matá-lo sem dar-lhe chances. A justiça dos policiais assassinos, própria daqueles que matam com treze tiros, é a justiça dos justiceiros, raivosos com suas próprias vidas e situações.

Os pensamentos de Lispector no conto (ela mesma admite) são uma reflexão no abstrato, apesar de basearem-se na realidade dos fatos jornalísticos. É nessa abstração que Lispector observada atordoada a crueldade de matar com tanta raiva e onde o criminoso vira “inocente”.



Ela, ao final do conto, almeja um terreno, um espaço a ocupar socialmente, a situação das coisas em seu devido lugar, o humanizado estado das coisas e dos espíritos:

Uma justiça que não se esqueça de que nós todos somos perigosos, e que na hora em que o justiceiro mata, ele não está mais nos protegendo nem querendo eliminar um criminoso, ele está cometendo o seu crime particular, um longamente guardado. Na hora de matar um criminoso – nesse instante está sendo morto um inocente. Não, não é que eu queira o sublime, nem as coisas que foram se tornando as palavras que me fazem dormir tranqüila, mistura de perdão, de caridade vaga, nós que nos refugiamos no abstrato. **O que eu quero é muito mais áspero e mais difícil: quero o terreno.** (Lispector, 1999, p. 35)

Para Wallace Rodrigues, Clarice Lispector, durante sua carreira literária, traz à luz os mecanismos de desigualdade sociais brasileiros, mas isso feito de forma muito subjetiva e sempre preocupada com a humanidade do “outro”. Sobre a última obra clariciana, Rodrigues nos traz que:

Clarice Lispector parece descobrir, em “A hora da estrela”, o cerne do preconceito social brasileiro e pôr em relação os mecanismos que tentam dar legitimidade a tal sistema. **Ela nos mostra, de maneira sutil, as relações assimétricas de poder entre nós brasileiros, entre ricos e pobres**, entre norte e sul. Além disto, Lispector não cai na armadilha de naturalizar um discurso etnocêntrico em relação aos nordestinos que vieram trabalhar no sudeste do país (Rodrigues, 2018, p. 23, grifo nosso)

Vemos que há uma clara crítica social clariciana em relação às vulnerabilidades sociais e que vão em uma direção ética à valorização da humanização, principalmente dos ditos “subalternos”, aqueles sem acesso a serviços sociais indispensáveis, como saúde pública eficiente, educação escolar, moradia decente, entre outros serviços indispensáveis para suprir as necessidades básicas para uma vida digna.

Ainda, em uma de suas crônicas, Lispector nos dá pistas para entender um pouco mais sobre sua escrita:

ESCREVER

Eu disse uma vez que escrever era uma maldição. Não me lembro porque exatamente eu o disse, e com sinceridade. Hoje repito: é uma maldição, mas uma maldição que salva.



Não estou me referindo muito a escrever para jornal. Mas escrever aquilo que eventualmente pode se transformar num conto ou num romance. É uma maldição porque obriga e arrasta como um vício penoso do qual é quase impossível se livrar, pois nada o substitui. E é uma salvação.

Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva. **Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada.**

Que pena que só sei escrever quando espontaneamente a “coisa” vem. Fico assim a mercê do tempo. E, entre um verdadeiro escrever e outro, podem-se passar anos.

Lembro-me agora com saudade da dor de escrever livros. (Lispector, 1999, p. 134, grifo nosso)

Ela mesma nos diz que escrevendo ela consegue dar a ver o “outro”, buscando sentir os sentimentos do “outro”. E isso ela faz no conto “Mineirinho”, ela “abençoa” a vida dele, pois “Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada” (Lispector, 1999, p. 134).

E foi nesta busca pelo indizível que Lispector tentou entender a crueldade humana de matar de forma tão feroz e raivosa. Ela não se coloca somente no lugar do marginal, mas busca entender as profundezas da alma humana, já que “Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador” (Lispector, 1999, p. 134).

3. Considerações finais

Este texto buscou caminhar pelos meandros dos pensamentos de Clarice Lispector colocados no texto “Mineirinho”. Vimos que tal texto detêm uma complexidade e subjetividade que extrapolam os discursos sobre as adversidades da vida dos mais vulneráveis socialmente, mas ele busca uma questão maior: uma visão ética em relação ao ser humano.

Textos como “Mineirinho” e “A hora da estrela” parecem revelar uma escritora focada em sua realidade, mas que escreve astuciosamente pelos meandros da alma humana. Lispector não faculty maior inteligibilidade com relação à realidade descrita por ela, como Antônio Candido (1972, p. 806) vislumbrava enquanto uma das funções das obras literárias, mas, ao contrário, ela



problematiza o estar no mundo como um ser humano e toda a complexidade que isto nos traz.

Não podemos esquecer que aqui tentamos verificar no conto as vulnerabilidades sociais que ele traz, mas tais vulnerabilidades aparecem em um nível primário, enquanto Lispector passa a um nível secundário e mais filosófico de impor a necessidade do respeito à dignidade humana como caminho para o fim das vulnerabilidades. Neste mesmo sentido, falando sobre humanização através da literatura, Antonio Candido nos explica que:

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, cultivo do humor. **A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante** (Candido, 2004, p. 180, grifo nosso).

Parece-nos que o caráter humanístico do texto “Mineirinho” exige uma resposta reflexiva às vulnerabilidades sociais brasileiras ligadas às dinâmicas do mecanismo de exclusão que o atual sistema capitalista se utiliza, como, por exemplo, de categorias excludentes como raça, gênero, origem, nível social, escolaridade, entre tantos outros, para subjugar pessoas no intuito de subalternizá-las e desumanizá-las.

Podemos notar que a escrita clariciana se destaca, geralmente, pelo modo insólito de representação do real. No entanto, no conto “Mineirinho”, ela se coloca numa clara posição de empatia para com o “marginal”. Parece haver um paralelo entre Clarice Lispector e Mineirinho, pois são ambos marginais (à margem de), cada um a sua maneira. Ela anda à margem da escrita descritiva da realidade e Mineirinho vaga na margem social dos criminosos.

Ela parece tentar contar-nos sobre o indizível no ato cruel de uma morte com tantos tiros: uma só bala já bastava. Há intensidade na crítica social de Lispector e o assombro pela quantidade de tiros revela parte desta intensidade.

Concluindo, vemos que a degradação da humanidade das pessoas, principalmente das mais carentes, coloca-nos em uma posição que requer não somente reflexão, mas ações contundentes no combate às vulnerabilidades sociais atuais. Ações que podem começar com



cobranças políticas para que políticas públicas sejam mais abrangentes socialmente e minimizem ou sanem problemas que tornam as pessoas vulneráveis em seus mais variados aspectos de vida.

4. Referências

ALMEIDA, Rogério de; MASUDA, Fábio Takao. A Hora da Estrela entre a ficção e a realidade: ou o trágico em Macabéa. **Intelligere, Revista de História Intelectual**. Grupo de Pesquisa em História Intelectual. LabTeo – Laboratório de Teoria da História e História da Historiografia (DH/USP). ISSN 2447-9020, v. 3, n. 1, 4, pág. 31-41, 2017. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revistaintelligere/article/view/117093>>. Acesso em: 14 nov. 2020.

BAILEY, Cristina Ferreira-Pinto. Clarice Lispector e a crítica. IN: **Clarice Lispector: novos aportes críticos**. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, Pittsburgh University, pág. 7-23, 2007.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Revista Ciência e Cultura**. Campinas, n. 24, v. 9, p. 803-809, set. 1972.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. IN: **Vários escritos**. 4ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, pág. 169-191.

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à Literatura Brasileira**: resumo para principiantes. 3ª ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. **Quem foi Mineirinho: bastidores de uma crônica**. De: 31 de Maio de 2013. Disponível em: <<https://claricelispectorims.com.br/ensaio/quem-foi-mineirinho-bastidores-de-uma-cronica>>. Acesso em: 14 nov. 2020.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. Mineirinho. IN: **Para não esquecer**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. Disponível em:

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4989627/mod_resource/content/1/Clarice%20Lispector%20-%20mineirinho%20-%20pdf.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2020.

RICO, Santiago Alba; LIRIA, Carlos Fernández. **El naufragio del hombre**. Hondarribia, Espanha: Editorial Hiru, 2010.



RODRIGUES, Wallace. Do livro ao filme e do filme ao livro: as facetas de “A hora da estrela”. **Linguagens** - Revista de Letras, Artes e Comunicação. ISSN 1981-9943. Blumenau, v. 2, n. 1, pág. 19-28, 2018. Disponível em: <<https://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/6764>>. Acesso em: 14 nov. 2020.

RODRIGUES, Wallace. Lados opostos da mesma moeda: A obra de Clarice Lispector e Andy Warhol em 1977. **Linguagens** - Revista de Letras, Artes e Comunicação. ISSN 1981-9943. Blumenau, v. 7, n. 2, pág. 139-152, mai./ago. 2013. Disponível em: <<https://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/3773>>. Acesso em: 14 nov. 2020.

ROSENBAUM, Yudith. A ética na literatura: leitura de “Mineirinho”, de Clarice Lispector. **Estudos Avançados**. USP, 24 (69), pág. 169-182, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v24n69/v24n69a11.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2020.

SILVA, Haleks Marques. **Uma análise comparativista da obra "A paixão segundo G.H." de Clarice Lispector com "O conceito da angústia" de Soren Kierkegaard**. Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Tocantins - UFT, campus de Araguaína, 2019, 113f.